

GT52: Memória e reconstrução de mundos: práticas etnográficas frente às situações limite

Felipe Magaldi, Carolina Castellitti

Desde a obra de autores como Michael Pollak, a relação entre as situações limite e as dinâmicas da memória, do esquecimento e do silêncio se tornou incontornável. Atualmente, as ciências sociais e a filosofia têm conferido crescente atenção às rupturas do cotidiano por meio de diversas nomenclaturas conceituais - eventos críticos, crises, catástrofes, traumas, desastres patrimoniais e ambientais - em que a memória aparece frequentemente ao lado das demandas por verdade, justiça e/ou reparação histórica. O colonialismo, o autoritarismo, as ditaduras militares, a violência de Estado e o neoliberalismo surgem frequentemente como cenários privilegiados dessas reflexões. Na presente conjuntura sanitária, a pandemia de covid-19 é narrada como um "trauma coletivo" que deixará um legado marcante para a humanidade, de sofrimento, luto, mas também de luta - duas dimensões inseparáveis. A partir de situações etnográficas diversas, este GT propõe um diálogo sobre as modalidades de construção de memória frente a trajetórias e mundos estilhaçados pela violência e pela exploração e precarização capitalistas. Trata-se aqui de compreender como se dá a redefinição das identidades sociais quando a ordem naturalizada do mundo habitual é quebrada - e a quebra incorporada no ordinário. Como matéria prima dessa reflexão, pode-se elencar distintas modalidades de enunciação dos acontecimentos, envolvendo testemunhos orais ou escritos, imagens, objetos, inscrições corporais e expressões artísticas.

As vastas ruínas da memória: pessoa, self e interioridade frente ao Alzheimer

Autoria:

Verdade, vontade e interioridade. Eis os três elementos fundamentais da categoria de pessoa moderna e que conjuntamente sustentam a imagem do self como a temos desenhado no último século. Mas o que acontece quando uma destas dimensões parece se romper? Como as duas outras se articulam? Qual a possibilidade de sustentação de um self diante deste processo de esfacelamento? A presente proposta busca se aprofundar nestas estas questões a partir de materiais etnográficos construídos através da experiência da família do próprio autor frente ao processo de esquecimento que a avó da família sofre em decorrência do Alzheimer. Dona Cida possui o diagnóstico há aproximadamente 4 anos e durante este período, suas memórias foram se perdendo e com elas também houveram alterações no seu comportamento e personalidade. Com isso, frequentemente emergem dúvidas sobre a essência e a verdade que habita aquele corpo. Será que Dona Cida perdeu quem era? Ou talvez o afrouxamento de suas memórias e normas sociais que foram calcadas em seu psiquismo durante toda sua vida agora possibilita a ela se mostrar como realmente era? A doença destrói a verdade antiga ou ergue sobre si uma nova verdade? A presente proposta parte do pressuposto de que um self só pode emergir quando em processo relacional com o Outro. Portanto, é cabal para a presente proposta investigar as possibilidades relacionais e comunicativas de Dona Cida durante o seu processo de perda de memórias e, conseqüentemente, de abalo de um dos tripés do que julgamos como epistemologicamente fundamental para a constituição do self no contexto das ciências do espírito (Geisteswissenschaften) na primeira metade do século XX. Munindo-se dos desenvolvimentos mais recentes da teoria antropológica, em particular das contribuições de Michelle Rosaldo e Gananath Obeyesekere, a presente fala busca tensionar o material etnográfico de modo apresentar possibilidades outras de constituição do self e da noção de pessoa sob o estatuto do Alzheimer. Entre os cuidados levados a cabo pela família que envolvem não somente Dona Cida, mas a memória coletiva da família sobre ela, o presente trabalho busca analisar as estratégias de manutenção de memórias comuns e tenciona-las com permanentes rearranjos que constroem o

entendimento de Dona Cida como pessoa dotada de interioridade, verdade e vontade.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

